

“É importante fazermos ouvir a nossa voz”

Sessão de esclarecimento O Estabelecimento Prisional de Aveiro ouviu falar da necessidade de lutar contra a abstenção para combater as ameaças à democracia



Vítor Marques, Carla Luís, João Paulo Pinto de Sá, Maria Manuel Azevedo e Ivan Silva conduziram o debate de ontem

Luis Ventura

“É cada vez mais importante que nos juntemos e façamos ouvir a nossa voz”, alertou, ontem, Carla Luís, representante da Comissão Nacional de Eleições (CNE), num debate intitulado “A Abstenção nas Eleições, o Crescimento dos Movimentos Populistas e Nacionalistas e as Ameaças à Democracia, que decorreu no Estabelecimento Prisional de Aveiro (EPA).

“Há 10 anos, na Europa, não estávamos preocupados com a democracia, mas hoje as coisas mudaram”, alertou, esforçando-se por não parecer alarmista. “Hoje, há muitas pressões para diminuir os Direitos Universais que tanto custaram a conquistar”, notou Carla Luís, para justificar o que considerou “uma urgência no exercí-

cio do voto”, desde logo “para conservar a democracia”.

A democracia, segundo a representante da CNE, “é como uma flor que precisa de ser regada e cuidada activamente”. De igual forma, a democracia precisa de ser cultivada, sustentou, apontando para o próximo dia 6 de Outubro como uma oportunidade para aproveitar.

No dia das eleições, explicitou, “ao olhar para o boletim de voto, se calhar, não vamos encontrar o partido que seja a solução ideal, mas há sempre uma opção que é preferível a não votar”.

No mesmo sentido foi a intervenção de Maria Manuel Azevedo, do Europe Direct Aveiro, quando abordou a importância de exercer o direito de voto. Embora reconhecendo a existência de um “certo



O combate à abstenção esteve bem patente no debate de ontem

desinteresse da população pelos políticos e pela classe política”, defendeu que “não podemos discordar ou exigir se não tomarmos parte do processo, participando activamente, ou seja, votando”.

Para o subdirector do Agrupamento de Escolas de Aveiro, Vítor Marques, “o voto é uma questão básica de cidadania”.

“Votar é participar na construção do nosso futuro e daqueles que queremos, porque não queremos que outros decidam por nós”.

Se a abstenção continuar a crescer, ou seja, “se continuarmos assim sem comparecer no dia das eleições, quando dermos conta, grupos hoje minoritários e de inspiração totali-

tária estarão no poder e isso não é bom, garanto-vos”. “Basta perguntar a quem viveu antes de Abril de 1974”, concluiu.

“Há um antes e um depois do 25 de Abril de 1974”, concordou de imediato o director do EPA, João Paulo Pinto de Sá. “Houve muita gente que se sacrificou para que chegássemos até aqui em democracia”. Aliás, no EPA, essa preocupação deu origem à elaboração de desdobráveis de sensibilização ao voto, anti-abstenção, elaborados pela população prisional. “Este folheto fantástico encontra-se afixado para que quando vocês receberem as vossas famílias sejam vocês próprios a mostrar o vosso trabalho neste projecto”, anunciou, agradecendo o empenho de todos.

Olhando para o desdobrável, o director adjunto executivo do Diário de Aveiro, Ivan Silva, fixou uma frase que, na sua opinião, diz tudo: “Votar é acreditar”. Lembrando que o voto foi

uma conquista da Democracia, acrescentou que a Democracia não é um direito adquirido e aflorou algumas das ameaças que sobre ela pairam: “Os ingleses também não acreditavam. Um dia acordaram e tinham o Brexit aprovado, assim como os americanos, que um dia acordaram com o senhor Trump como seu presidente”. “É preciso votar para combater a crescente e perigosa vaga nacionalista, bem como os populismos e os extremismos”, sublinhou.

O debate foi moderado pelo director do EPA, João Paulo Pinto de Sá, e contou com as presenças de Carla Luís, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Ivan Silva, director adjunto executivo do Diário de Aveiro, Maria Manuel Azevedo, representante do CIEDA - Europe Direct de Aveiro, e Vítor Marques, sub-director do Agrupamento de Escolas de Aveiro. ◀

FOTOS: EDUARDO PINA